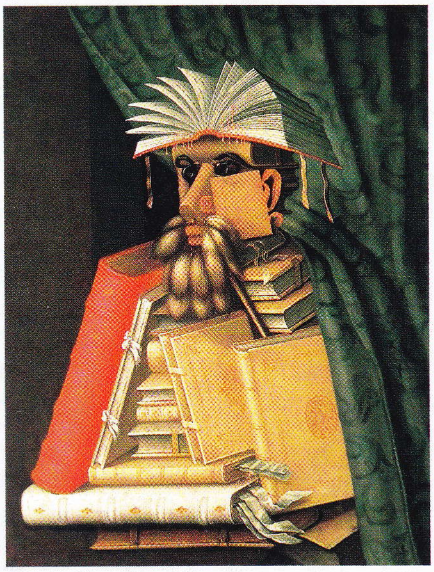
RODRIGO ELIAS

A minha versão da História

HÁ DEZ ANOS, inaugurando um espaço análogo a este, o professor José Murilo de Carvalho lembrava de um projeto historiográfico àquela altura um pouco desbotado: a história do Brasil "deverá ser escrita em um estilo popular, posto que nobre".

A citação é de Karl von Martius, de 1843. O botânico bávaro indicava, naquele momento de afirmação do Estado imperial brasileiro, que a trajetória do país não podia ser explicada unicamente a partir dos feitos dos "grandes homens" ou dos marcos institucionais. A história do Brasil, argumentava, era a história da formação do seu povo, do encontro das matrizes europeia, africana e indígena e, portanto, deveria ser escrita de modo a ser lida – e compreendida – por este mesmo povo.



O Bibliotecário, óleo sobre tela do italiano Giuseppe Arcimboldo, século XVI.

REPRODUÇÃO

Este princípio não vigorou no século XIX – afinal, como difundir uma história de tom popular em uma sociedade escravocrata e aristocrática? Ao longo do século XX, finado o Império, vimos surgir uma historiografia propriamente profissional. Esta especialização foi responsável por uma extraordinária produção sobre o nosso passado, mas acabou formando uma massa de escritos muitas vezes impenetrável para quem não é especialista no assunto.

Houve, é claro, iniciativas muito louváveis para reverter a tendência – autores que se preocuparam em escrever de uma forma atraente para um público mais amplo, coleções voltadas diretamente para a divulgação das mais sofisticadas interpretações (a coleção *Nosso Século*, da Editora Abril, ainda é uma referência). Eram, entretanto, esforços isolados ou projetos de curta duração. Na última década, este quadro mudou, e tive a sorte, assim como muitos colegas, de ver isso de perto.

Em 2003, comecei a trabalhar em uma revista de história. Fazia parte de um grupo de historiadores recém-formados que precisava interagir diariamente com jornalistas e outros profissionais da imprensa, levando a um público maior do que o universitário outras versões sobre o passado (a princípio o brasileiro, depois mais universal). Não era uma iniciativa isolada, mas parte de uma mudança que acontecia dentro e fora da academia. De norte a sul do país, os historiadores percebiam a necessidade de falar para fora do grupo; a internet e a TV passaram a servir sistematicamente como canais de narrativas históricas; livros sobre o tema viravam *best-sellers*. Na outra ponta, o público lia, ouvia e falava de história. A procura por cursos na área aumentou, a produção acadêmica cresceu, historiadores ficaram mais confortáveis para participar do debate público.

Não é mais possível – ou desejável – difundir uma visão unitária do passado, como propôs Martius. Mas os diversos grupos que compõem a sociedade brasileira têm se percebido como protagonistas do seu próprio destino – eles olharam para "A História" e viram lá, ao invés das tradições mais distantes, suas próprias histórias. Estes grupos, principalmente aqueles deixados de fora das narrativas muito tradicionais, recuperaram com mais ênfase suas próprias trajetórias e buscaram de maneira mais articulada uma participação direta na transformação das suas realidades. Talvez esta seja uma interpretação otimista, mas é a minha versão. **H**

RODRIGO ELIAS É PESQUISADOR DA *REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL.*